

VULNERABILIDADE FINANCEIRA E POUPANÇA NAS POPULAÇÕES DE BAIXA RENDA NO BRASIL

FINANCIAL VULNERABILITY AND SAVINGS IN LOW-INCOME POPULATIONS IN BRAZIL

EDUARDO ANDRÉ CÂNDIDO SILVA
UNINOVE – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

LEONARDO VILS
UNINOVE – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

Comunicação:

O XII SINGEP foi realizado em conjunto com a 12th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com o Casablanca Climate Leadership Forum (CCLF 2024), em formato híbrido, com sede presencial na ESCA Ecole de Management, no Marrocos.

VULNERABILIDADE FINANCEIRA E POUPANÇA NAS POPULAÇÕES DE BAIXA RENDA NO BRASIL

Objetivo do estudo

Investigar a vulnerabilidade financeira e os hábitos de poupança da população de baixa renda no Brasil, com foco nas classes D e E, utilizando análise de dados secundários e entrevistas com moradores de uma ocupação em São Paulo.

Relevância/originalidade

O estudo aborda a falta de estudos específicos sobre as dinâmicas de poupança em populações vulneráveis, oferecendo uma análise detalhada da realidade dessas comunidades e identificando fatores que limitam sua capacidade de poupança e investimento.

Metodologia/abordagem

Utiliza-se revisão bibliográfica, análise de dados secundários de fontes como IBGE e Banco Central, e entrevistas semiestruturadas com 34 moradores de uma ocupação em São Paulo, proporcionando uma compreensão aprofundada da vulnerabilidade financeira dessas populações.

Principais resultados

Os resultados revelam que a falta de conhecimento financeiro, a incerteza sobre necessidades futuras e a desconfiança em relação às instituições bancárias são os principais obstáculos para a poupança e o investimento entre as populações de baixa renda.

Contribuições teóricas/metodológicas

O estudo contribui para a literatura ao fornecer uma análise empírica sobre a vulnerabilidade financeira das classes D e E, destacando a importância de políticas públicas que abordem a educação financeira e a segurança econômica dessas populações.

Contribuições sociais/para a gestão

Oferece insights para criar produtos digitais voltados à inclusão financeira e melhoria das condições de vida das populações vulneráveis, promovendo estabilidade econômica e social e abrindo um mercado que representa 51% da população brasileira.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Financeira, Poupança, Populações de Baixa Renda, Gestão de Projetos

FINANCIAL VULNERABILITY AND SAVINGS IN LOW-INCOME POPULATIONS IN BRAZIL

Study purpose

Investigate the financial vulnerability and savings habits of the low-income population in Brazil, focusing on classes D and E, using secondary data analysis and interviews with residents of an occupation in São Paulo.

Relevance / originality

The study addresses the lack of specific research on savings dynamics in vulnerable populations, providing a detailed analysis of the realities faced by these communities and identifying factors that limit their ability to save and invest.

Methodology / approach

Literature review, secondary data analysis from sources such as IBGE and the Central Bank, and semi-structured interviews with 34 residents of an occupation in São Paulo, providing a deep understanding of the financial vulnerability of these populations.

Main results

The results reveal that lack of financial knowledge, uncertainty about future needs, and distrust in banking institutions are the main obstacles to saving and investing among low-income populations.

Theoretical / methodological contributions

The study contributes to the literature by providing an empirical analysis of the financial vulnerability of classes D and E, highlighting the importance of public policies that address financial education and economic security for these populations.

Social / management contributions

It offers insights for creating digital products aimed at financial inclusion and improving the living conditions of vulnerable populations, promoting economic and social stability, while also tapping into a market that represents 51% of the Brazilian population.

Keywords: Financial Vulnerability, Savings, Low-Income Populations, Project Management

VULNERABILIDADE FINANCEIRA E POUPANÇA NAS POPULAÇÕES DE BAIXA RENDA NO BRASIL

1. Introdução

A ausência de políticas públicas efetivas exacerbou a situação da população de baixa renda no Brasil durante a pandemia da COVID-19. Medidas insuficientes implementadas pelo governo brasileiro não conseguiram mitigar o impacto da pandemia, levando ao aumento da informalidade e do desemprego, deteriorando ainda mais as condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora brasileira (Lazzari et al., 2023).

A resposta tardia e inconsistente do governo, aliada à negação da gravidade da pandemia, resultou em taxas crescentes de disparidade e fome generalizada, afetando mais de 30 milhões de pessoas de forma aguda (De Oliveira et al., 2022). Embora a assistência emergencial tenha retirado alguns da pobreza, a suspensão das transferências de renda no início de 2021, juntamente com o declínio dos ganhos e a alta inflação, aprofundou a miséria, especialmente em grupos vulneráveis (Nowak, 2023), com mais de 50% da população brasileira nas classes D e E (Infomoney, 2022).

O autor do estudo tem experiências profissionais em várias instituições bancárias e financeiras (IA & IF). Durante os anos em que atuou na Bolsa de Valores de São Paulo, ele se envolveu em projetos voluntários de apoio à população em situação de rua. Durante a pandemia, ele notou um aumento significativo de famílias inteiras pedindo dinheiro nos semáforos ao redor do seu bairro, famílias que anteriormente não se encontravam nessa situação.

Sempre tentando estabelecer contato e entender o fenômeno que estava ocorrendo, deparou-se com diversos relatos de pessoas que haviam perdido a renda durante a pandemia e que, sem uma rede de proteção social, acabaram ficando sem moradia.

Um exemplo que marcou o autor foi um casal que tinha por volta dos 60 anos, autodenominados José e Maria, que relataram, numa conversa tão rápida quanto o intervalo de um farol vermelho no cruzamento, que atuavam, respectivamente, como porteiro e faxineira e, com a piora do quadro da pandemia, acabaram por perder seus empregos e, sem renda para custear o aluguel, encontraram-se vivendo na rua.

Este estudo busca investigar a situação de vulnerabilidade financeira enfrentada pela população de baixa renda no Brasil.

A base da pirâmide econômica brasileira é composta por 51% da população, caracterizada por renda familiar média reduzida, baixa escolaridade e maior concentração em regiões específicas, como o Nordeste. Essas características, quando combinadas, formam um grupo altamente vulnerável e suscetível a crises econômicas e sociais (ANBIMA, 2022). As famílias, nesta base, enfrentam severos desafios financeiros, incluindo uma taxa de poupança insuficiente e alta vulnerabilidade em períodos de crise (Banco Central do Brasil, 2021). Este estudo examina as características da população de baixa renda no Brasil, sua vulnerabilidade financeira e seus hábitos de poupança.

2. Metodologia

Este artigo aborda o tema da população de baixa renda no Brasil, utilizando bibliografia científica, análises de dados secundários e entrevistas com moradores de uma ocupação na cidade de São Paulo. A revisão de literatura envolveu o estudo de artigos científicos, relatórios governamentais e publicações de organizações não governamentais, que abordam a situação socioeconômica das classes D e E.

A análise de dados secundários foi realizada utilizando bases de dados públicas, como o IBGE, o Banco Central do Brasil e Associação Brasileira dos Mercados Financeiro e de

Capitais (ANBIMA) que fornecem informações detalhadas sobre a distribuição de renda, educação e condições de vida dessa população.

As entrevistas foram conduzidas com 34 moradores de uma ocupação na cidade de São Paulo, permitindo uma compreensão profunda dos desafios enfrentados por essa população, em termos de segurança financeira e hábitos de poupança.

3. A População de Baixa Renda no Brasil

A questão das populações de baixa renda no Brasil é complexa e envolve diversos aspectos sociais, econômicos e políticos. A desigualdade de renda e o acesso limitado a serviços essenciais são algumas das características marcantes dessas populações. Diversos estudos têm se debruçado sobre esses aspectos, oferecendo uma visão ampla dos desafios enfrentados por essas comunidades.

Um dos principais desafios enfrentados pelas populações de baixa renda, no Brasil, é o acesso aos serviços de saúde. Na região Nordeste, por exemplo, a maioria das famílias de baixa renda vive a mais de 5 km do centro de saúde mais próximo, o que representa um grande obstáculo para o acesso a cuidados médicos. A distância e a falta de infraestrutura adequada agravam a vulnerabilidade dessas populações (Benevenuto, Azevedo, & Caulfield, 2019).

A desigualdade de renda no Brasil é das mais acentuadas do mundo, marcada por profundas disparidades socioeconômicas. Historicamente, essa diferença aumentou significativamente após o golpe militar de 1964 e permaneceu elevada mesmo após a redemocratização nos anos 1980. No entanto, entre 2001 e 2014, houve uma redução substancial nas diferenças de rendimentos da população brasileira, impulsionada pelo controle da inflação, aumento do salário-mínimo e programas federais de transferência de renda. O índice de Gini, que mede a desigualdade, caiu de 0,594 em 2001 para 0,513 em 2014. Contudo, as crises econômicas pós-2014 interromperam essa tendência de queda, e as disparidades voltaram a crescer entre 2014 e 2015 (Hoffmann, 2018).

A desigualdade econômica no Brasil afeta profundamente as populações de menor poder aquisitivo, configurando-se como um problema crítico. Agravado por fatores estruturais, como a disparidade na educação e a distribuição desigual de oportunidades, esse desafio é intensificado por fatores educacionais, que desempenham um papel crucial na determinação dessa disparidade. Estudos mostram que a desigualdade educacional é uma das principais causas da elevada disparidade econômica no país. A expansão da educação secundária e superior contribuiu para a redução das diferenças salariais associadas à formação acadêmica, ajudando a diminuir a desigualdade ao longo dos últimos cinquenta anos. No entanto, a qualidade e o acesso à educação ainda variam amplamente entre diferentes grupos socioeconômicos, perpetuando a disparidade (Filho & Kirschbaum, 2018).

Apesar de algumas melhorias, a distribuição de renda no Brasil continua desigual devido a uma combinação de fatores econômicos e de políticas públicas insuficientes. Programas de assistência social e iniciativas de redistribuição, como o Bolsa Família, têm contribuído para diminuir essa disparidade, mas sua abrangência e impacto ainda são limitados. Além disso, a concentração de riqueza entre os mais ricos permanece significativa, com o 1% mais abastado da população detendo uma parcela desproporcional dos recursos nacionais. Para enfrentar essas desigualdades de forma eficaz, são necessárias políticas públicas que promovam um crescimento econômico inclusivo, melhorem o acesso à educação de qualidade e aumentem a progressividade do sistema tributário (Clements, 1997; Medeiros, Souza, & Castro, 2015). Esta concentração de renda resulta em diferenças significativas no acesso a recursos e oportunidades, perpetuando ciclos de pobreza (Pfeffermann & Webb, 1983).

O mercado de trabalho também apresenta desafios significativos para as populações de baixa renda. A incidência de empregos mal remunerados é alta, especialmente entre mulheres,

não brancos, jovens e indivíduos com menos anos de educação. Embora tenha havido uma diminuição na taxa de empregos mal remunerados entre 2002 e 2009, essas populações continuam a enfrentar grandes obstáculos para melhorar suas condições econômicas (Fontes, Pero & Berg, 2012).

Ademais, a mobilidade e o acesso ao transporte público são questões cruciais para a população de baixa renda em áreas urbanas. Em cidades como Recife, os moradores de baixa renda muitas vezes não podem pagar pelo transporte público, restringindo suas atividades a locais que podem ser alcançados a pé ou de bicicleta. Isso limita significativamente suas oportunidades de trabalho e participação em atividades socioeconômicas (Lima, Maia, & Lucas, 2017).

O mercado habitacional no Brasil também reflete a desigualdade de renda. A qualidade das moradias é um indicador claro das condições econômicas das famílias. Muitas famílias de baixa renda vivem em habitações inadequadas, como favelas e assentamentos informais, com infraestrutura deficiente e condições de vida precárias (Haddad, 2012).

O acesso ao crédito é uma área onde houve alguns avanços, mas ainda há muito a ser feito. O crédito tornou-se mais acessível e democrático, com fatores como a educação formal ganhando importância na determinação do acesso. No entanto, as disparidades regionais e outras barreiras ainda limitam significativamente o acesso ao crédito para populações de baixa renda (Musse, Yoshinaga, & Eid Jr., 2010).

A educação financeira desempenha um papel vital na melhoria das condições econômicas das populações de baixa renda. Programas educativos podem ajudar essas populações a tomar decisões mais informadas e evitar armadilhas de endividamento. Um melhor preparo está associado a uma menor distorção de probabilidades na tomada de decisões, o que é crucial para melhorar a resiliência econômica (Santos et al., 2022).

Esta população, composta pelas classes D e E, representa aproximadamente 51% da população total (Figura 2). Estas classes, caracterizadas pela ANBIMA (2022), têm uma renda familiar média de até R\$2.9 mil por mês, baixa escolaridade, e são predominantes nas regiões Norte e Nordeste. A distribuição desigual de renda e o acesso limitado a serviços essenciais contribuem para a vulnerabilidade econômica dessas famílias, tornando-as mais suscetíveis a crises financeiras e sociais.

As entrevistas revelaram que a maioria dos entrevistados não possui poupança, devido à falta de conhecimento financeiro e à instabilidade de renda. Muitos relataram que guardam dinheiro em casa, expondo-se a riscos de roubo e desvalorização monetária. A análise de dados secundários corroborou esses achados, mostrando que apenas 12% da renda das classes D e E é poupada, e mais de 70% das famílias não possuem reservas financeiras para um mês de crise (Banco Central do Brasil, 2021).

Vulnerabilidade financeira é um problema persistente e complexo que afeta milhões de brasileiros, especialmente aqueles de baixa renda. Essa condição está intimamente ligada a diversos fatores econômicos, sociais e estruturais que limitam a capacidade dessas populações de poupar e investir em seu futuro. Compreender e mitigar essa situação é fundamental para promover a estabilidade econômica e o bem-estar social no Brasil.

Classes Sociais no Brasil

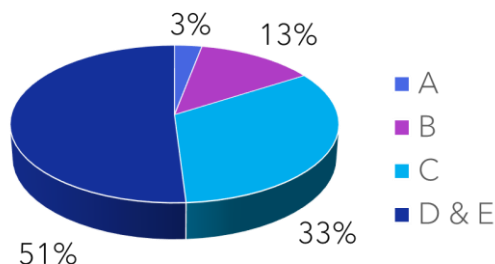


Figura 2: Classes Sociais no Brasil.

Raio X do Investidor ANBIMA (2023).

A taxa de poupança das famílias brasileiras é um indicador crucial na análise da estabilidade econômica do país. Segundo o estudo da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea, essa taxa alcançou 1,8% em 2018, uma redução significativa em relação a 2009 (2,2%) (Ipea, 2021). A maior parte das economias familiares está concentrada em imóveis, indicando um baixo nível de poupança financeira líquida.

As desigualdades regionais são marcantes, com as regiões Norte e Nordeste apresentando índices econômicos ainda menores, refletindo as disparidades econômicas e sociais entre as diferentes áreas do país. Em 2018, essas regiões exibiram os menores índices, com a participação dos imóveis excedendo 70% do total economizado, evidenciando a fragilidade financeira dessas populações (Ipea, 2021).

Os indicadores de vulnerabilidade financeira incluem a instabilidade dos ganhos, o baixo nível de poupança e o acesso limitado a serviços financeiros. A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), destaca que a taxa de poupança familiar está diretamente relacionada ao rendimento disponível per capita. Famílias com ganhos mensais acima de seis salários-mínimos pouparam, em média, 8,3% de seus rendimentos em 2018, enquanto aquelas com ganhos de até 0,5 salário mínimo pouparam apenas 0,6% (IBGE, 2021).

A estabilidade de renda (Figura 3) influencia diretamente a capacidade de poupança. Famílias com maior estabilidade de renda, como aquelas com chefes de domicílio empregados no setor público ou aposentados, tendem a apresentar taxas de poupança inferiores às das demais famílias, uma vez que a segurança econômica reduz a necessidade de acumulação de reservas para emergências (IBGE, 2021).

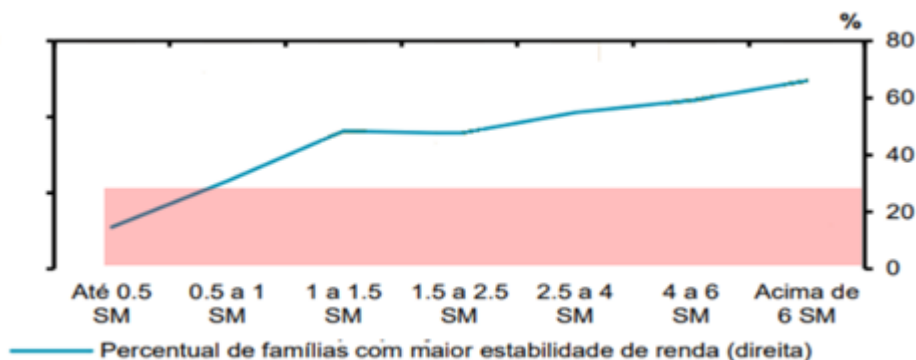


Figura 3: % de Famílias com maior estabilidade de renda.

Banco Central do Brasil (2021)

A desigualdade na distribuição dos recursos financeiros no Brasil é alarmante. Em 2018, 46% do total acumulado foi concentrado por famílias com renda per capita acima de seis salários-mínimos, representando apenas 3,7% do total de famílias brasileiras. Por outro lado, famílias com renda per capita de até um salário-mínimo, que compõem metade do número total de famílias, acumularam apenas 6,2% dos recursos financeiros (IBGE, 2021). Esta disparidade reflete a desigualdade econômica que permeia o país, onde uma pequena parcela da população concentra a maior parte da riqueza.

A exclusão financeira é um dos principais fatores que limitam a capacidade de poupança e investimento das populações economicamente vulneráveis. Sem acesso a serviços bancários básicos, como contas de poupança e crédito, essas famílias têm suas capacidades de poupar e investir ainda mais restringidas. Além disso, a falta de educação financeira perpetua esse ciclo de pobreza, pois, sem o conhecimento adequado, essas comunidades enfrentam dificuldades em gerenciar seus recursos de maneira eficiente. Segundo o Relatório Raio X do Investidor Brasileiro 2023 da ANBIMA, apenas 17% dessa população consegue poupar regularmente, enquanto a maioria dos poupadores está nas classes econômicas mais altas, com 36% dos investidores possuindo ganhos superiores a cinco salários-mínimos (ANBIMA, 2023).

A pesquisa da ANBIMA também revela que os principais motivos para a falta de poupança incluem baixo nível de renda, instabilidade financeira e falta de planejamento financeiro. Entre os que poupam, 42% utilizam a caderneta de poupança como principal veículo de investimento devido à sua facilidade de acesso e baixo risco percebido (ANBIMA, 2023).

Gráfico 1 – Taxa de poupança familiar por faixa de renda disponível familiar *per capita* – Brasil

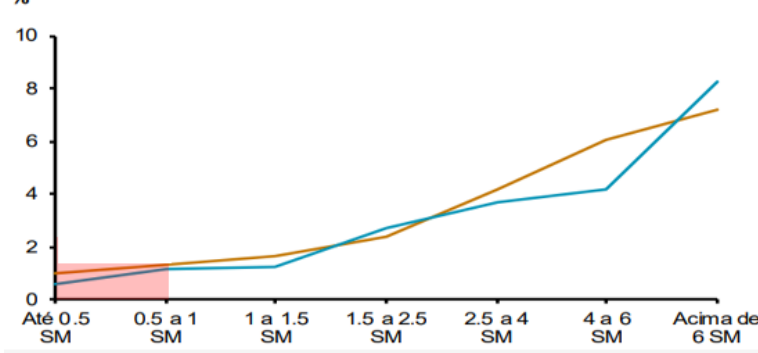


Figura 4: Taxa de poupança por renda disponível.

Banco Central do Brasil (2021).

A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais a situação das famílias de baixa renda no Brasil. A crise econômica resultante levou a um aumento significativo do desemprego e da informalidade no mercado de trabalho, impactando negativamente a renda dessas populações. Em julho de 2021, a taxa de desocupação era de 13%, afetando 13,4 milhões de brasileiros, enquanto a população ocupada informalmente cresceu 22,7% em comparação com o ano anterior (Ipea, 2021).

Segundo uma reportagem da Folha de São Paulo, 51% das pessoas nas classes D e E perderam metade da renda ou mais durante a pandemia (Folha de S.Paulo, 2020). Segundo a "6ª Edição do Raio X do Investidor Brasileiro", realizada pela ANBIMA em parceria com o Datafolha, muitos brasileiros tiveram que recorrer a medidas extraordinárias para driblar a

perda de renda em 2022, como retirar dinheiro de aplicações financeiras, vender bens, recorrer ao cheque especial, crédito rotativo do cartão de crédito, ou realizar empréstimos (ANBIMA, 2023).

Uma visão abrangente dos achados da pesquisa Raio X do Investidor ANBIMA está na Figura 5:

Conhecimento das instituições financeiras		Conhecimento sobre investimentos no mercado		Investimentos feitos em 2021	
Banco Tradicional	22%	Caderneta de Poupança	4%	Bens duráveis e imóveis	3%
Banco Digital	4%	Ações na Bolsa de valores	2%	Empreendimentos e negócios	3%
Cooperativa de crédito	1%	Fundos de investimentos	1%	Aplicações financeiras/ bancárias	1%
Sociedade de Crédito	1%	Títulos públicos	1%	Não fez nenhum investimento	92%
Banco sem especificar	1%	Títulos privados	1%		
Outras	10%	Moedas digitais	1%		
Nenhuma/Não sabe	66%	Imóveis	1%		
		Não conhece nenhum	91%		

Tipos de investimento que utiliza		De onde veio o dinheiro economizado		O destino do dinheiro economizado	
Caderneta de Poupança	14%	Diminuí os gastos / deixei de sair	28%	Deixou em casa / no colchão	21%
Moedas digitais, Criptomoeas e Criptoativos	1%	Evitei compras desnecessárias	19%	Aplicou em produtos financeiros	18%
Compra e venda de imóveis	1%	Guardei uma parte do salário todo mês	13%	pagou dívidas	7%
Em casa / No colchão	1%	Trabalhei mais	12%	Comprou casa, imóvel ou terreno	6%
Não conhece ou não utiliza nenhum tipo de investimento	72%	Controlei despesas	11%	Investiu num negócio próprio / ca	6%
		Fiz algum produto bancário	7%	Reformou ou construiu uma casa / comprou material de construção	6%
		Não tinha onde gastar na pandemia	1%		
		Outras respostas	8%		

Figura 5: Classes D e E e os investimentos.

ANBIMA (2023).

Os hábitos de economia entre as populações de baixa renda são influenciados por diversos fatores socioeconômicos e culturais. O artigo "Consumo ou poupança: o que pode influenciar a escolha entre estas duas opções?" destaca que fatores psicológicos, como a preocupação com a aparência e o status social, bem como comportamentos impulsivos e compulsivos, desempenham um papel significativo nas decisões financeiras (Puerari et al., 2018).

As famílias de baixa renda frequentemente enfrentam a escolha entre consumir no presente ou poupar para o futuro. A pesquisa revela que as decisões são influenciadas por fatores internos (psicológicos) e externos (socioeconômicos e culturais), com uma tendência a consumir em vez de poupar devido a necessidades imediatas e a influência de fatores culturais e de marketing (Puerari et al., 2018).

A falta de planejamento financeiro é um problema significativo. Segundo uma pesquisa da Agência Brasil, 58% dos brasileiros não se dedicam às próprias finanças, o que agrava a situação de vulnerabilidade financeira ao impedir que essas pessoas tomem decisões informadas sobre economia e investimentos (Agência Brasil, 2018).

Projeções indicam que as classes D e E continuarão a representar mais da metade da população brasileira até 2024, evidenciando a necessidade de políticas públicas e iniciativas que visem reduzir a vulnerabilidade financeira dessas classes (InfoMoney, 2020). Medidas como o fortalecimento da educação financeira, o acesso facilitado a serviços bancários e a criação de programas de incentivo à poupança, são essenciais para melhorar a estabilidade

econômica e a qualidade de vida dessa população (World Bank, 2013; Banco Central do Brasil, 2021; ANBIMA, 2023).

4. Indo a Campo

Criar produtos para populações de baixa renda envolve enfrentar desafios únicos devido às suas distintas circunstâncias socioeconômicas e culturais (Rossi et al., 2022). Esses desafios incluem renda e acesso a recursos limitados, além de diferentes padrões de consumo, exigindo abordagens personalizadas por parte dos gerentes de produto para garantir a aceitabilidade, conscientização, disponibilidade e acessibilidade dos produtos para esse segmento (Arunachalam et al., 2020). Esforços colaborativos entre atores do setor privado e instituições acadêmicas têm se mostrado promissores no desenvolvimento de soluções inovadoras para as comunidades da base da pirâmide, embora apenas uma minoria de ideias seja implementada com sucesso (Tosum & METU, 2019). O design conjunto com indivíduos marginalizados é crucial para a adoção sustentada de inovações frugais, com fatores como contexto, processos de co-design, questões organizacionais e dinâmicas de colaboração influenciando o sucesso dessas iniciativas (Jagtap, 2020).

Para iniciar esse processo, selecionamos um local no qual seriam feitas as entrevistas com populares pertencentes às classes D e E. Optamos por uma ocupação existente em um terreno de 50 mil m² localizado entre a Marginal Tietê e a Via Dutra, na zona norte de São Paulo, no Parque Novo Mundo.

A localidade foi escolhida porque a família materna do pesquisador viveu lá por muitos anos, facilitando o acesso à favela e à ocupação selecionada devido ao conhecimento prévio do lugar e suas características.

4.1. Ocupação Douglas Rodrigues

Localizada na Parque Novo Mundo, região da Vila Maria, Zona Norte de São Paulo, a Ocupação Douglas Rodrigues é um exemplo marcante de resistência urbana e luta por moradia digna. Iniciada em 2015, a ocupação surgiu como resposta à crescente crise habitacional que afeta milhares de famílias de baixa renda na cidade de São Paulo. Este capítulo explora a história, os desafios e as vitórias da Ocupação Douglas Rodrigues, destacando a importância do mapeamento como ferramenta de resistência e as ações legais e políticas que moldaram seu desenvolvimento.

A ocupação começou em maio de 2015, quando cerca de 8 mil pessoas, organizadas por movimentos sociais, ocuparam um terreno de 50.740 m² no bairro de Vila Maria (Figura 6). A ação visava chamar a atenção para a necessidade urgente de políticas públicas de habitação e para a luta contra a especulação imobiliária que domina a região (Agência Brasil, 2015).

O mapeamento da ocupação desempenhou um papel crucial na organização e resistência dos moradores. Utilizando técnicas de cartografia social, os próprios ocupantes mapearam a área, identificando as necessidades e distribuindo os recursos de forma mais eficiente. Esse processo não apenas facilitou a gestão interna da ocupação, mas também fortaleceu a argumentação legal e política dos moradores frente ao poder público (LabCidade, 2022).

A luta pela expropriação do terreno foi uma das principais bandeiras da ocupação. Em 2022, após anos de mobilização e pressão política, a Prefeitura de São Paulo entrou na justiça com um pedido de expropriação do terreno, reconhecendo a área como de utilidade pública (O Trabalho, 2022). Esta vitória legal foi um marco importante na luta pela regularização da moradia e na garantia de direitos para os moradores da ocupação.

Apesar das vitórias políticas e legais, os moradores da Ocupação Douglas Rodrigues ainda enfrentam diversos desafios. A infraestrutura precária, a falta de serviços básicos e as condições insalubres são problemas cotidianos que afetam a qualidade de vida dos ocupantes.



Figura 6: Ocupação Douglas Rodrigues do alto.

Agência Brasil (2015).

A resistência diária e a solidariedade entre os moradores, são fundamentais para superar essas dificuldades e continuar lutando por melhorias significativas.

A Ocupação Douglas Rodrigues simboliza a luta por moradia digna em São Paulo. Representa a resistência das classes mais vulneráveis contra a especulação imobiliária e a negligência do poder público. A ocupação também destaca a importância de políticas públicas eficazes e de uma abordagem inclusiva para resolver a crise habitacional que afeta milhões de brasileiros.

A Ocupação Douglas Rodrigues é um exemplo inspirador de resistência e organização comunitária. Através de mapeamentos, ações legais e mobilizações políticas, os moradores têm conquistado vitórias importantes na luta por moradia digna. No entanto, desafios significativos permanecem, exigindo um compromisso contínuo de todos os atores envolvidos para garantir os direitos e melhorar a qualidade de vida das famílias que ali residem.

Neste ambiente foram realizadas as 34 entrevistas semiestruturadas em 30/04/2022.

4.2. Entrevistas

No dia 30 de abril de 2022, foram realizadas 34 entrevistas semiestruturadas na ocupação Douglas Rodrigues, localizada no segundo andar de um imóvel que abrigava no térreo o comércio da família – um bar –, no primeiro andar a casa da família, e no segundo andar um salão de festas que era alugado para churrascos e eventos festivos (Figura 7). As entrevistas ocorreram durante uma festa o que limitou a quantidade de assuntos abordados devido ao ambiente descontraído e ao envolvimento dos participantes nas atividades do evento.



Figura 7: Local das Entrevistas.

Google Maps (2022).

As entrevistas foram conduzidas no salão de festas, durante um evento, permitindo um ambiente descontraído, mas também apresentando desafios como distrações e limitações de tempo. Cada entrevista durou aproximadamente 10 minutos, focando na identificação de obstáculos encontrados ao tentar economizar.

Devido ao grande ruído do local e aos riscos inerentes de realizar gravações de vídeo no local à noite, as anotações das entrevistas foram integralmente feitas de forma escrita pelo pesquisador.

Participaram 34 pessoas, entre homens e mulheres, com idades variando entre 18 e 65 anos. A maioria possuía ocupações informais e suas rendas mensais variavam significativamente, refletindo a diversidade econômica da ocupação. A seleção dos entrevistados ocorreu de forma aleatória.

4.2.1. 'Razões para Não Poupar ou Investir

Quando perguntados sobre as razões pelas quais não poupam ou investem, os entrevistados forneceram diversas respostas, destacando uma variedade de obstáculos, mas o ponto não esperado foi o fato de que somente 21% dos entrevistados relataram falta de recursos como o principal motivador quanto à falta de poupança (Tabela 1):

Quais suas maiores dificuldades para poupar ou investir?	%	Quant.
Não conheço de investimentos	35%	12
Não sei quando vou precisar do dinheiro	32%	11
Não sobra dinheiro para fazer investimentos	21%	7
Não sei se vai sobrar dinheiro no final do mês	9%	3
Tenho medo de perder o dinheiro	3%	1

Tabela 1: Resultado das Entrevistas.

O Autor.

Falta de Conhecimento sobre Investimentos: 35% dos entrevistados (12 pessoas) indicaram que não conhecem investimentos, o que impede a tomada de decisões informadas sobre como e onde poupar ou investir (Tabela 2).

Idade	Sexo	Nome	Quais suas maiores dificuldades para poupar ou investir?	Classificação
19	Feminino	Juliana	"Eu nunca aprendi muito sobre investimentos. Não sei por onde começar. Além disso, ninguém na minha família investe, então não tenho com quem tirar dúvidas. Com o dinheiro curto, fica difícil."	Não conheço de investimentos
20	Masculino	Pedro	"Nunca tive oportunidade de aprender sobre investimentos. As escolas aqui não ensinam isso. Também tenho medo de escolher mal por não saber como investir corretamente."	Não conheço de investimentos
23	Masculino	Gabriel	"Não sei nada sobre investimentos. Ninguém me ensinou. Tenho medo de colocar dinheiro e perder tudo."	Não conheço de investimentos
30	Feminino	Bruna	"Nunca aprendi sobre investimentos. Não sei como começar. Parece algo muito complicado e arriscado."	Não conheço de investimentos
32	Feminino	Letícia	"Não sei nada sobre investimentos. Acho complicado. Tenho medo de perder dinheiro."	Não conheço de investimentos
34	Feminino	Kelly	"Nunca aprendi nada sobre investimentos. Parece muito complicado. Tenho medo de perder dinheiro se investir errado."	Não conheço de investimentos
34	Masculino	Rodrigo	"Nunca tive a oportunidade de aprender sobre investimentos. Fico inseguro em colocar meu dinheiro em algo que não conheço."	Não conheço de investimentos
38	Feminino	Maria	"Não sei nada sobre investimentos. Nunca tive a oportunidade de aprender. Parece muito arriscado."	Não conheço de investimentos
43	Feminino	Sônia	"Eu nunca tive a chance de aprender sobre investimentos. Sempre fico insegura porque não sei onde colocar o dinheiro ou como funciona."	Não conheço de investimentos
43	Masculino	Jorge	"Não entendo nada de investimentos. Todo mundo fala que é importante, mas eu não sei como funciona e tenho medo de perder o pouco que consigo juntar. Por isso, acabo deixando o dinheiro parado."	Não conheço de investimentos
45	Masculino	Ruy	"Não conheço nada sobre investimentos. Parece algo complicado e arriscado. Prefiro não arriscar."	Não conheço de investimentos
49	Feminino	Nilda	"Claro que a gente junta dinheiro, meu filho! Como é que você acha que essa festa bonita tá aqui? Só de carne, tem mais de 500 Contos! O que a gente não conhece é de investimento."	Não conheço de investimentos

Tabela 2: Detalhamento das Entrevistas – Falta de Conhecimento.

O Autor.

Incerteza sobre Necessidades Futuras: 32% dos entrevistados (11 pessoas) mencionaram a incerteza sobre quando precisariam do dinheiro, o que torna difícil comprometer recursos em investimentos que poderiam não ser acessíveis em momentos de necessidade imediata (Tabela 3).

Idade	Sexo	Nome	Quais suas maiores dificuldades para poupar ou investir?	Classificação
19	Masculino	João	"Sempre tem um gasto inesperado na ocupação: conserto no barraco, vaquinha para ajudar alguém... Nunca sei quando vou precisar do dinheiro. Fico com medo de não ter o suficiente."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
24	Feminino	Andréia	"Direto tem uma emergência que aparece. Fica difícil guardar dinheiro. Nunca sei quando vou precisar de algum extra."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
29	Masculino	Carlos	"Sempre fico na dúvida se vou ter dinheiro até o fim do mês. Aparecem muitas despesas imprevistas. Nunca consigo planejar direito."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
31	Feminino	Camila	"Tem sempre uma conta surpresa ou uma emergência médica. Nunca sei quando vou precisar gastar mais do que planejei. Isso me deixa insegura para poupar."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
33	Feminino	Patrícia	"Com as crianças pequenas, sempre surgem gastos inesperados com escola e saúde. Não consigo prever quando vou precisar do dinheiro."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
42	Masculino	Alexandre	"Trabalho como autônomo e a renda varia muito. Tem meses que é bom, mas outros não. Fica difícil guardar dinheiro sem saber quando vou precisar para cobrir as despesas."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
42	Feminino	Roberta	"Às vezes, aparece um parente precisando de ajuda ou uma despesa com a casa. Nunca sei quando vou precisar do dinheiro que eu tentaria poupar. Aí não consigo manter uma reserva."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
42	Feminino	Tatiane	"A gente nunca sabe o que pode acontecer, então guardo o que posso, mas sempre uso. É difícil saber quando vou precisar de dinheiro."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
44	Feminino	Carla	"Sempre tem uma emergência, nunca sobra nada. Fico com medo de precisar de dinheiro e não ter. Não consigo poupar por causa disso."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
45	Feminino	Val	"Eu tento guardar, mas sempre aparece algo, como uma compra urgente ou uma festinha (risos). Fica complicado saber quando não vou precisar usar o que guardei."	Não sei quando vou precisar do dinheiro
46	Feminino	Ana	"Eu guardo dinheiro pra visitar minha mãe no Norte: Junto um pouquinho sempre que dá. O problema é que nem sempre dá e Deus me livre de precisar do dinheiro e ele estar lá, empacado no banco!"	Não sei quando vou precisar do dinheiro

Tabela 3: Detalhamento das Entrevistas – Incerteza Necessidades Futuras.

O Autor.

Insuficiência de Recursos para Investir: 21% dos entrevistados (7 pessoas) afirmaram que não sobra dinheiro após as despesas essenciais, impossibilitando qualquer tipo de investimento (Tabela 4).

Idade	Sexo	Nome	Quais suas maiores dificuldades para poupar ou investir?	Classificação
24	Masculino	Mateus	"É difícil sobrar dinheiro, mal dá pra pagar as contas. Não consigo poupar nada. Vivo no limite todo mês."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos
25	Feminino	Mariana	"Sempre tem uma emergência, nunca sobra nada. Tudo que ganho vai para despesas urgentes. Fica impossível pensar em poupar."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos
26	Masculino	Rafael	"Eu queria, mas não dá. Tudo que ganho vai pras contas. No final do mês, não sobra nada."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos
26	Feminino	Fernanda	"Investir é complicado, a gente vive no limite. Nunca sobra dinheiro no final do mês. Sempre aparece uma conta inesperada."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos
36	Masculino	Bruno	"Tudo que ganho vai pras contas, não sobra nada pra investir. Vivo no limite todo mês. Fica impossível pensar em poupar."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos
37	Feminino	Vanessa	"Vivo contando as moedas no final do mês para não faltar nada em casa."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos
43	Masculino	Marcelo	"O que ganho vai tudo pras contas, não sobra nada pra investir. Vivo no limite todo mês. Não dá para pensar em poupar."	Não sobra dinheiro para fazer investimentos

Tabela 4: Detalhamento das Entrevistas – Falta de Renda.

O Autor.

Incerteza sobre a Sobra de Dinheiro no Final do Mês: 9% dos entrevistados (3 pessoas) expressaram dúvida sobre se haveria dinheiro disponível no final do mês para poupar, refletindo uma gestão financeira apertada e imprevisível (Tabela 5).

Idade	Sexo	Nome	Quais suas maiores dificuldades para poupar ou investir?	Classificação
21	Masculino	Lucas	"Nunca sei se vai sobrar dinheiro no final do mês. Tenho muitas contas para pagar: água, luz, gás... Fica difícil planejar qualquer coisa."	Não sei se vai sobrar dinheiro no final do mês
28	Masculino	Fábio	"A gente vive com medo de perder o emprego, e sem renda fixa é difícil planejar o mês."	Não sei se vai sobrar dinheiro no final do mês
40	Masculino	Henrique	"Essa casa aqui foi construída com muita luta: Paguei R\$4000 no terreno e foram mais cinco pra construir minha casa. Foram cinco anos de luta, mas hoje tenho a minha casinha! Às vezes quero fazer uma graça e acabo gastando demais, às vezes a gente acaba recebendo menos... Então fica difícil saber quanto eu vou ter todo mês, sabe?"	Não sei se vai sobrar dinheiro no final do mês

Tabela 5: Detalhamento das Entrevistas – Incerteza Disponibilidade Monetária.

O Autor.

Medo de Perder Dinheiro: 3% dos entrevistados (1 pessoa) revelaram ter medo de perder o dinheiro ao investir, indicando uma aversão ao risco e uma preferência por manter os recursos em formas mais seguras, ainda que menos rentáveis (Tabela 6).

Idade	Sexo	Nome	Quais suas maiores dificuldades para poupar ou investir?	Classificação
65	Masculino	Baixinho	"A gente tem medo de colocar o dinheiro no banco e ele sumir. Né? Coloca 100 e quando precisa, tem 50... Na minha mão, sei que tem um tanto e esse tanto não diminui!"	Tenho medo de perder o dinheiro

Tabela 6: Detalhamento das Entrevistas – Medo de Perder Dinheiro.

O Autor.

4.2.2. Frases de interesse

Durante as entrevistas, algumas declarações ilustraram as realidades distintas dos participantes e suas percepções sobre poupança e investimentos. Notou-se que a economia de recursos ocorre de forma bastante natural entre os moradores, porém sem contar com instituições bancárias para esse objetivo:

"Essa casa aqui foi construída com muita luta: Paguei R\$4000 no terreno e foram mais cinco pra construir minha casa. Foram cinco anos de luta, mas hoje tenho a minha casinha!" O entrevistador, não sabia que terrenos eram comercializados numa ocupação, que na época ainda estava sob risco de reintegração de posse.

"Eu guardo dinheiro pra visitar minha mãe no Norte: Junto um pouquinho sempre que dá." Esta declaração reflete um hábito comum entre os entrevistados de poupar para objetivos específicos, demonstrando uma forma de economia pessoal que não depende de serviços bancários.

"Claro que a gente junta dinheiro, meu filho! Como é que você acha que essa festa bonita tá aqui? Só de carne, tem mais de 500 Contos!" Esta resposta evidencia que, apesar das dificuldades financeiras, os moradores conseguem economizar para ocasiões especiais, novamente sem necessariamente utilizar bancos.

"A gente tem medo de colocar o dinheiro no banco e ele sumir. Né? Coloca 100 e quando precisa, tem 50... Na minha mão, sei que tem um tanto e esse tanto não diminui!" Este relato revela uma desconfiança significativa em relação às instituições financeiras, preferindo métodos informais de economia para garantir controle sobre seus recursos. Esta desconfiança pode ter sido originada por uma aplicação de renda variável resgatada num momento de baixa, uma aplicação com tarifas que superaram a rentabilidade nominal ou mesmo por um Título de Capitalização comercializado como investimento, prática vedada desde 2008 (SUSEP, 2008) mas, como o entrevistado em questão possui 65 anos, a venda pode ter ocorrido em momento anterior à norma.

O entrevistador buscou entender melhor o tipo de investimento e o momento do ocorrido, mas o entrevistado enfrentou dificuldades para explicar qual foi o evento no qual ele resgatou menos dinheiro do que havia investido e em qual ano tal evento teria ocorrido, encerrando a entrevista.

5. Conclusão

Após a análise da literatura e das entrevistas, fica evidente que a vulnerabilidade econômica das populações de baixa renda no Brasil é um fenômeno multifacetado. Embora a falta de recursos seja um fator significativo, não é o único impedimento para a poupança e o investimento. Vários outros fatores, como a falta de conhecimento sobre finanças, a incerteza sobre necessidades futuras e a desconfiança em relação às instituições bancárias, também desempenham papéis cruciais.

A educação financeira representa um dos principais desafios para essas populações. Muitos entrevistados relataram que não conhecem ou não entendem de investimentos, o que os impede de tomar decisões informadas. Este é um problema que pode ser abordado por meio de programas educativos, que não apenas explicam os conceitos básicos de poupança e investimento, mas também oferecem orientações práticas sobre como aplicar esses conceitos no dia a dia (Santos et al., 2022). A melhoria da educação nesse campo pode ajudar a reduzir a vulnerabilidade econômica, permitindo que as pessoas gerenciem melhor seus recursos e planejem para o futuro.

Porém, sabemos que, embora a oferta de educação financeira leve a um aumento notável no conhecimento adquirido durante os estágios iniciais das iniciativas educacionais, essa compreensão tende a diminuir com o tempo. Em comunidades desfavorecidas, a necessidade contínua de lidar com questões econômicas imediatas pode prejudicar a capacidade dos indivíduos de manterem e utilizarem o que aprenderam (Reich & Ruitérez-Valiente, 2019). O foco na sobrevivência diária substitui geralmente o planejamento de longo prazo, diminuindo assim a eficácia de programas educacionais de curta duração.

Para que a educação financeira tenha uma influência duradoura, é crucial estabelecer programas educacionais extensivos. Essas iniciativas devem ser elaboradas para manter o interesse dos participantes ao longo do tempo, reforçando consistentemente os conceitos financeiros e se ajustando à evolução da situação pessoal e econômica dos estudantes (Somavilla, Silva e Bassoi, 2016). Envolver toda a família no processo educacional pode aumentar significativamente o impacto, tornando o aprendizado um componente integral da vida diária em casa e promovendo a aplicação e retenção do conhecimento.

A incerteza em relação às necessidades futuras foi citada como um obstáculo para a economia. A imprevisibilidade dos gastos, seja por emergências médicas, reparos na casa ou apoio a familiares, torna difícil para as pessoas comprometerem recursos em poupança ou investimentos de longo prazo. Esse fator é exacerbado pela instabilidade econômica e pelo mercado de trabalho volátil, que afetam desproporcionalmente as populações de baixa renda. Medidas que aumentem a estabilidade de renda, como empregos mais seguros e melhores políticas de proteção social, poderiam ajudar a mitigar essa incerteza (Banco Central do Brasil, 2021).

Por fim, a desconfiança nas instituições bancárias representa um problema significativo. Muitos entrevistados preferem manter dinheiro em casa, onde sentem mais controle, apesar dos riscos de roubo e desvalorização. Esse comportamento resulta de experiências passadas negativas com produtos financeiros mal administrados ou mal vendidos e da falta de confiança no sistema bancário. Melhorar a transparência e a acessibilidade dos serviços oferecidos, além de promover maior confiança nas entidades do setor, pode encorajar essas populações a pouparem e investir de forma mais segura e eficiente.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. (2018). Pesquisa revela que 58% dos brasileiros não se dedicam às próprias finanças. Retrieved from <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-03/pesquisa-revela-que-58-dos-brasileiros-nao-se-dedicam-proprias-financas>

Arunachalam, S., Bahadir, S. C., Bharadwaj, S. G., & Guesalaga, R. (2020). New product introductions for low-income consumers in emerging markets. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 48(5), 914–940. <https://doi.org/10.1007/s11747-019-00648-8>

Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais [ANBIMA]. (2023). Relatório Raio X do Investidor Brasileiro 2023.

Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais [ANBIMA]. (2022). Relatório Raio X do Investidor Brasileiro 2022.

Banco Central do Brasil. (2021). Taxa de poupança das famílias: uma análise para Brasil e regiões. Relatório de Economia Bancária.

Benevenuto, R. G., Azevedo, I. C. C., & Caulfield, B. (2019). Assessing the spatial burden in health care accessibility of low-income families in rural Northeast Brazil. *Journal of Transport & Health*.

Clements, B. (1997). Income distribution and social expenditure in Brazil. *Public Choice & Political Economy eJournal*.

De Oliveira, E. A., Silva, A. M., & Santos, M. A. (2022b). Employment and income policies in pandemic Brazil: an uncertain future. *Brazilian Journal of Development*, 8(10), 68239–68254. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n10-210>

Filho, N. M., & Kirschbaum, C. (2018). Education and inequality in Brazil. In *Paths of Inequality in Brazil*.

Folha de S.Paulo. (2020). Nas classes D e E, 51% perderam metade da renda ou mais na pandemia. Retrieved from <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/05/nas-classes-d-e-e-51-perderam-metade-da-renda-ou-mais-na-pandemia.shtml>

Fontes, A., Pero, V., & Berg, J. (2012). Low-paid employment in Brazil. *International Labour Review*, 151(2), 193-219.

Haddad, E. (2012). Characteristics of the housing market in a developing country: the case of Brazil.

Hoffmann, R. (2018). Changes in income distribution in Brazil. In *Oxford Handbooks Online*.

INFOMONEY. Classes D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria, abril. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-aser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2021). Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF).

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea]. (2021). Taxa de poupança das famílias: uma análise para Brasil e regiões. Estudo Especial nº 107/2021.

Jagtap, S. (2020). Barriers and enablers in co-designing with marginalised people. *Proceedings of the Design Society DESIGN Conference*, 1, 1931–1940.

LabCidade. (2022). Ocupação Douglas Rodrigues: Mapeamento como resistência. *LabCidade - FAU USP*.

Lazzari, E. A., Paschoalotto, M. a. C., Massuda, A., Rocha, R., & Castro, M. C. (2023). Social determinants of health in Brazil during the COVID-19 pandemic: strengths and limitations of emergency responses. *Health Affairs Scholar*, 1(1). <https://doi.org/10.1093/haschl/qxad014>

Lima, J. H. de, Maia, M., & Lucas, K. (2017). Income vs. travel time: Why do the poorest and the richest travel fastest in northeastern Brazil? *Transportation research procedia*, 25, 4285-4295.

Musse, I., Yoshinaga, C. E., & Eid Jr., W. (2010). Determinants of access to credit for low-income population in Brazil from 2002 to 2008. *Latin American Business eJournal*.

Nowak, J. (2023). The pandemic politics of the Bolsonaro government in Brazil: COVID-19 denial, the chloroquine economy and high death rates. In *International political economy series* (pp. 105–123). https://doi.org/10.1007/978-3-031-23914-4_6

O Trabalho. (2022). Vitória da ocupação Douglas Rodrigues: Prefeitura de São Paulo entra na justiça por expropriar terreno. *O Trabalho*.

Pfeffermann, G., & Webb, R. (1983). Poverty and income distribution in Brazil. *Review of Income and Wealth*, 29(1), 1-28.

Puerari, S. C., Delavechia, M. C., Gonçalves, C. C., Prasniski, L. C., & Mazon, F. S. (2018). Consumo ou poupança: o que pode influenciar a escolha entre estas duas opções? *Perspectiva*, 42(158), 113-125.

Reich, J., & Ruipérez-Valiente, J. A. (2019). The MOOC pivot: What happened to disruptive transformation of education? *Science*, 363(6423), 130-131. doi:10.1126/science.aav7958

Rossi, E., Di Nicolantonio, M., D'Onofrio, A., & Massacesi, R. (2022). '3D-Printed Inclusive Modular System for Underprivileged Communities. In *Additive Manufacturing, Modeling Systems and 3D Prototyping. 13th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics (AHFE 2022)*. AHFE International. <https://doi.org/10.54941/ahfe1001586>

Santos, É. T., Klotzle, M. C., da Gama Silva, P. V. J., & Pinto, A. C. F. (2022). How do young low-income university students deal with risk and time preferences in Brazil? *Revista Contabilidade & Finanças*.

Somavilla, A. S., Silva, C. R. G. X., & Bassoi, T. S. (2016). A literacia financeira em discussão. In *Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades* (pp. 1-12). São Paulo, SP: Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

Superintendência de Seguros Privados. (2008). Circular SUSEP nº 365, de 27 de maio de 2008. *Diário Oficial da União*.

Tosum, H., & METU. (2019). Learning through industry-university collaboration: Observation of product innovation cases targeting low-income communities. *Insider Knowledge - Proceedings of the Design Research Society Learn X Design Conference, 2019*.

World Bank. (2013). *World Development Report 2013: Jobs*. Washington, DC: World Bank.